

# ABŪ-NUWĀS, O POETA LIBERTINO DAS MIL E UMA NOITES

Alexandre Facuri Chareti<sup>1</sup>

---

## RESUMO

Abū-Nuwās (~757–815) é um dos mais famosos poetas árabes, que, por sua peculiar irreverência, foi elevado ao mundo das fábulas. Retratado, desde seu tempo, em histórias e anedotas, o poeta figurou entre as *Mil e uma noites*, a que cedeu suas características mais memoráveis, a eloquência e a perversidade. É reconhecido como um dos inovadores da poesia árabe, e seus versos de vinho ilustram o espaço social de Bagdá, quando a glória do califado de Hārūn Arrašīd teceu seu caminho até os sonhos.

**Palavras-chave:** Abū-Nuwās. Mil e uma noites. Poesia Árabe. Tradução.

## ABSTRACT

Abū-Nuwās (~757–815) is one of the most famous Arab poets, who for his peculiar irreverence was elevated to the world of fables. Portrayed, since his time, in stories and anecdotes, the poet was among the *Thousand and One Nights*, to which he provided his most memorable characteristics, eloquence and perversity. He is recognized as one of the innovators of Arabic poetry, and his wine verses illustrate the social space of Baghdad, when the glory of Hārūn Arrašīd caliphate wove his way to dreams.

**Keywords:** Abū-Nuwās. Thousand and One Nights. Arabic Poetry. Translation.

## Introdução

Soturno, o califa Hārūn Arrašīd não encontrava o sono. Evitou seus habituais companheiros e estendeu seus pensamentos até que a noite silenciou a cidade. Era a linda Bagdá do século IX<sup>2</sup> que ele observava do alto do seu palácio, a cidade de ouro, a joia do deserto. Seus altos muros em círculo envolviam cerca de 600 mil pessoas, aglutinando sábios, alquimistas, geógrafos, astrônomos, matemáticos, tradutores, juristas, poetas,

---

1 Tradutor, doutorando no Programa de Pós-Graduação em Línguas Estrangeiras e Tradução, da Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo. E-mail: alexandre.chareti@usp.br.

2 Para a datação, utiliza-se sempre neste texto a contagem do calendário gregoriano.

escribas, em um dos momentos mais brilhantes da produção cultural humana. Os mercados eram prósperos e ofereciam aos habitantes os mais maravilhosos produtos de todo o mundo conhecido. Viviam a Era de Ouro do Islã. Mas, naquela noite, o Príncipe dos crentes tinha um peso em sua alma. Não se entregou aos carinhos de sua amada esposa Zubayda, não saiu para rondar a cidade na companhia de seu vizir Ja'far Barmécida. Permaneceu no terraço do palácio de onde admirava a cidade mais deslumbrante de todos os tempos. Em sua mão, apertava uma chave de ouro. Quando as sombras da escuridão emudeceram, então, desceu às profundezas de seu palácio, atravessou suas dependências, cruzou salões, desceu à masmorra, e mais fundo. Transpôs câmaras secretas que apenas ele conhecia, foi além dos enormes compartimentos onde acumulava pilhas de todos os tesouros da Terra, até que se deparou com uma porta de fogo, e somente a chave de ouro poderia abri-la. Dentro, em uma pequena sala escura, havia apenas uma esfera de vidro sobre uma almofada de cetim. Carregou-a por atalhos do palácio até o terraço. Contemplou mais uma vez o horizonte. Suspendeu a esfera de vidro no parapeito do prédio e clamou “Eu sou Haroun Ibn Mohammed Ibn Abdullah Ibn Mohammed Ibn Ali Ibn Abdullah Ibn Abbas, chamado Al Raschid, o primeiro entre os fiéis. A mim pertencem a glória e a cidade de Bagdá, a pérola das cidades. Eu o invoco, ó rei dos sonhos, príncipe das histórias, mestre das marchas sonâmbulas”. Assim Neil Gaiman retratou, na história *Ramadan de Fábulas e reflexões* (GAIMAN, 2020, pp. 230-62), a maneira como o período correspondente ao califado da dinastia abássida de Bagdá veio habitar os sonhos. Outros percursos, não menos fabulosos que o proposto pelo autor de *Sandman*, fazem reviver o encanto daqueles tempos. E, certamente, alguns dos mais fascinantes e influentes relatos sobre a áurea Bagdá estão entre as histórias das *Mil e uma noites*.

Mundialmente famoso, o livro das *Mil e uma noites* é reconhecido como uma das mais importantes referências da literatura em língua árabe. A partir de uma grande variedade de edições modernas publicadas em diversos idiomas desde o século XVIII, essa obra repercutiu, compondo nas diferentes culturas de recepção um conjunto de imagens sobre os povos antigos descritos nas histórias. Embora as constantes digressões da narrativa levem a leituras a contextos distintos entre si, como a China, o Iraque, a Índia e o Turcomenistão, sua composição coletiva por meio de copistas caprichosos de Bagdá e do Cairo situam a obra em um sistema de língua árabe. Segundo registros escritos, desde o século IX circulavam entre os árabes histórias semelhantes ao prólogo-moldura (de onde o narrador dá voz a Šahrzād) e a outras fábulas que compõem as *Mil e uma noites*. Traduzido da língua persa (da obra chamada *Hazār Afsān*) ao árabe, o cerne dessa coletânea foi, posteriormente, ampliado por literatos árabes

que o ornamentaram com fábulas equivalentes (IBN-ANNADIM, 1872, p. 304), de modo que em torno do século XIV pode-se reconhecer indubitavelmente uma obra com as características das *Noites* atuais (JAROUCHE, 2005, p. 11). Nesse processo de alguns séculos, aprofundaram-se as marcas do sistema literário de língua árabe, avolumando as alusões aos personagens históricos e gêneros de sua literatura. Assim, a tradição poética árabe deu sua alma às *Noites*, ao coração dos sujeitos. Sobretudo, pelos versos de seus poetas, a Bagdá de Hārūn Arrašīd chegou ao domínio do Senhor dos sonhos.

Abū-Nuwās (~757–815) é um destacado personagem da cultura árabe, que tem presença entre as histórias das *Mil e uma noites*. Sua obra é estudada nos meios acadêmicos e literários principalmente devido às características que a situam entre a dos inovadores (*almuḥdaṭūn*) da literatura árabe a partir do século VIII, em que se presta grande reconhecimento à sua poesia de vinho (*ḥamriyya*) e libertina (*mujūn*). O que foi registrado sobre sua conduta depravada e desordeira, por outro lado, estimulou a produção de narrativas que, desde seus contemporâneos e após sua morte, multiplicam menções a seu nome, representando uma figura irreverente, espirituosa e eloquente. Já no século IX, foram compiladas coletâneas de seus poemas (*dīwān*, pl. *dawawin*) e de anedotas (*aḥbār*) que veiculavam enunciados associados ao consumo de vinho e a práticas libertinas e homoeróticas. Essa personagem, em reelaborações posteriores, dentre os séculos XV e XVIII, foi incluída nas histórias das *Mil e uma noites*, tornando ainda mais formidável a fabulosa Bagdá dos primeiros califas abássidas.

### Notícias sobre o poeta

Seu nome era Abū-cAli Ḥasan Ibn-Hāni' Ibn-cAbd-Al'awal Ibn-Aṣṣabāh Alḥakamī, mas ficou conhecido por suas madeixas de cabelo (*nuwās*)<sup>3</sup>. Nasceu em Ahwaz, na região do Cuzistão, sudoeste do Irã, supõe-se em torno de 757, e morreu antes de 815, em Bagdá, com cerca de 60 anos de idade. Jullabān era o nome de sua mãe, uma costureira iraniana que aparentemente nunca dominou a língua árabe. Seu pai, Hāni' Ibn-cAbd-Al'awal, fora um soldado nativo de Damasco a serviço do último califa Omíada, Marwān Ibn-Muḥammad (691–750), em Ahwaz, onde conheceu Jullabān. Tiveram muitos filhos, mas Hāni' morreu quando Abū-Nuwās era ainda uma criança. O nome Alḥakamī designa Alḥakam Ibn-Sa'ad Al'cašīra, uma grande tribo do Iêmen. O bisavô do poeta fora cliente (*mawlā*) de Aljarrāh Ibn-cAbd-Allāh Alḥakamī, governador do Ḥurāsān, de quem recebeu o sobrenome (IBN-ḤALLIKĀN, 1972, v. 2, p. 103).

3 O termo Abū-Nuwās pode ser traduzido, literalmente, como “o pai do cabelo em pêndulo”, significando “aquele dotado de cabelo em pêndulo”.

Na infância, com a mudança da viúva Jullabān para Basra, um centro urbano importante do Califado Abássida, Abū-Nuwās frequentou uma escola corânica e, em pouco tempo, tornou-se um *ḥāfiẓ* (guardião) — termo utilizado no Islã para designar aqueles que decoram o Alcorão. Desenvolveu notavelmente os usos da língua árabe e, ainda moço, chegou a frequentar reuniões e seminários de sábios e eruditos (SOBH, 2002, p. 513). Quando criança, trabalhou como assistente de um vendedor de especiarias (*caṭārī*), por meio de quem conheceu o poeta Abū-cUsama Wāliba Ibn-Alḥubāb Al’asadi (?–796), com quem passou a viver na cidade de Kufa. Nesse período, Abū-Nuwās foi apresentado ao destacado poeta Muṭīc Ibn-Iyās (?–784) que, junto com Wāliba, ofereceu-lhe uma experiência de formação literária. Nos séculos VIII–IX, Kufa era um centro de atividade poética, em que a ordem religiosa encontrou resistência entre os “Libertinos de Kufa” (*mujān alkūfa*). Sob esse termo, designam-se diferentes poetas locais que, além do comportamento libertário, por suas obras foram considerados subversivos, entre eles, Hammad Ajrād (?–777), Hammad Arrāwī (714–772), Hammad Ibn-Zibrikan (?), Yaḥyā Ibn-Ziyād Alḥāriṭī (?), além de Muṭīc Ibn-Iyās e o próprio Wāliba. Este, reconhecido como hábil em elogios e sátiras, com acesso à corte dos príncipes abássidas, apresentou Abū-Nuwās à poderosa família Barmécida de Bagdá, dando início a um importante laço social para o jovem poeta. Além da influência literária, muitos comentaristas contemporâneos especulam sobre as relações eróticas entre o jovem Abū-Nuwās e Wāliba, e sua iniciação sexual entre os “Libertinos de Kufa”. A convivência com esse grupo de poetas, muitos dos quais foram acusados de apostasia (*zandaka*), rendeu a Abū-Nuwās parte da fama que seria, posteriormente, celebrada pelas narrativas que fazem referência a sua pessoa.

Na noite de seu primeiro encontro, conforme uma tradição, os dois homens beberam juntos e comeram. Quando Abū-Nuwās tirou suas roupas, Wāliba viu a beleza de seu corpo e beijou-o por trás, até o ponto em que o jovem peidou em seu rosto. Wāliba o amaldiçoou por ser tão vulgar, mas Abū-Nuwās respondeu confiantemente com uma máxima: “Que recompensa pode haver para aquele que beija o cu senão um peido?”. (KENNEDY, 2005, p. 4, tradução nossa.)

Quando Abū-Nuwās retornou a Basra, tornou-se um discípulo do famoso filólogo e difusor da poesia árabe antiga Ḥalaf Al’aḥmar (733–796). Se Wāliba o apresentara aos gêneros de entretenimento da poesia árabe, com Ḥalaf Abū-Nuwās aprofundou seus conhecimentos sobre a antiga poesia pré-islâmica (SCHOELER, 1998, p. 41). Nesse período, também estudou o *Alcorão* e o *Ḥadīṭ* (coleção de relatos sobre a vida e os dizeres do profeta

Muḥammad). É atestado por Ibn-Almuṭazz (861–908) que o poeta estava familiarizado com opiniões legais fundamentais das escrituras (IBN-ALMUṬAZZ, 1956, p. 194). Ele estudou com Yacqūb Ibn-Ishāq Alḥaḍramī (?–820), conhecido por uma das recitações célebres do Alcorão. Estudou ainda gramática com o famoso lexicógrafo da Escola de Basra Abū-Zayd Al’anṣārī (739–830) e, conforme um antigo costume, teria passado algum tempo entre os beduínos para aprimorar seus conhecimentos linguísticos (WAGNER, 1986, p.143). Posteriormente, Abū-cUbaidah Macamar Ibn-Almuṭannā (728–825) ensinou a ele a *’Ayyām Alcarab (A época dos árabes)*, literatura épica que relata as grandes batalhas entre as tribos árabes do período pré-islâmico. Foi durante sua estadia em Basra que Abū-Nuwās teria se apaixonado por Janān. Ela era escrava da família de Alwahāb Ibn-cAbd-Almajīd Attaqafī (?), tutor dos eminentes eruditos religiosos Aḥmad Ibn-Hanbal (780–855) e Muḥammad Ibn-Idrīs Aššāfi. Não é certo se foi “a única mulher que amou em toda sua vida” (SOBH, 2002, p. 513), mas sua beleza, inteligência e seu conhecimento sobre a erudição árabe certamente encantaram o poeta, que foi rechaçado após uma relação de atração e antipatia registrada em correspondências poéticas (KENNEDY, 2005, pp. 7-8). É conhecida uma peregrinação de Abū-Nuwās a Meca, por determinação de acompanhá-la.

Mais famosa é essa história sobre a visita (contada por uma autoridade de alguma reputação): “Fizemos a peregrinação no mesmo ano que Abū-Nuwās e estivemos juntos na circundação da Caaba. Ele avançou na minha frente e pude vê-lo seguindo uma mulher, que eu não conhecia. Então, progredi para a Pedra Negra e vi a mulher beijando a pedra e lá estava ele beijando ao lado dela de tal maneira que suas bochechas se tocaram. Eu disse a mim mesmo: ‘Ele é a mais perversa das pessoas!’ Então percebi que era Janān. Quando eles partiram, eu me encontrei com ele e disse: ‘Seu miserável! Nem mesmo esse lugar sagrado coloca você na linha!’ Ele respondeu que eu era um tolo por pensar que ele teria atravessado tantos desertos e caminhos desolados por qualquer outro motivo!”. (Ibidem, pp. 8-9, tradução nossa.)

Abū-Nuwās mudou-se para Bagdá no ano de 786 (SCHOELER, 1998, p. 41), no início do domínio do califa Hārūn Arrašīd (766–809). Como muitos dos poetas de seu tempo, em torno dos seus 30 anos, buscou promover-se no estimulante meio literário da nova capital. No centro dessa cena estava a corte do califa, além de outras famílias importantes na administração abássida, como a Barmécida e a Nawbaḥtī. Embora muitas das narrativas que chegaram à atualidade retratem Abū-Nuwās em relação estreita com

o califa e seu entorno, aparentemente o poeta não agradou Hārūn Arrašīd<sup>4</sup>, por isso dedicou-se a encontrar espaço entre outros mecenas. Os Barmécida (*Barmak*) — também pronunciado Barméquida — eram uma antiga família iraniana zoroastriana ou budista, convertida nos primeiros anos da expansão islâmica (ABBAS, 1991, p. 806). Ḥālid Ibn-Barmak (705–782) apoiou Abū-Alcabbās Assaffāh (721–754), o primeiro califa da dinastia abássida, na disputa contra a dinastia omíada. Com a transferência da corte para Bagdá e durante os governos dos califas Almanşūr (714–775), Almahdī (745–785) e Alhādī (766–786), Ḥālid estabeleceu-se em cargos de confiança e prestígio, como a chefia do Gabinete de Taxas (*dīwān alḥarāj*) e do Gabinete Militar (*dīwān aljundi*), além de ter sido nomeado governador do Fars<sup>5</sup> e, posteriormente, do Tabaristão<sup>6</sup> (SOURDEL, 1986, p. 1.033). Seu filho Yaḥyā Ibn-Ḥālid (?-805) foi governador das províncias do Azerbaijão, da Armênia e das Províncias Ocidentais do Irã, no califado de Almahdī Tutor de Hārūn Arrašīd, Yaḥyā foi nomeado seu vizir em 786, auxiliado por seus filhos Jaʿfar e Alfaḍl. Quando Abū-Nuwās chegou em Bagdá transcorria, então, o governo dos Barmécida. Jacfar Ibn-Yaḥyā (767–803) era um dos principais amigos e conselheiros de Hārūn, exercendo a função de vizir, alternadamente com seu pai e seu irmão. Alfaḍl Ibn-Yaḥyā (766–808) crescera como irmão adotivo de Hārūn Arrašīd e foi nomeado governador das províncias do Tabaristão, de Rey<sup>7</sup> e do Ḥurāsān<sup>8</sup>. Ainda um terceiro filho de Yaḥyā, Mūsā Ibn-Yaḥyā (?), foi governador de Damasco. Como fora apresentado a essa família por Wāliba, Abū-Nuwās parece ter, ocasionalmente, partilhado de sua renomada generosidade. Não conseguiu tanto, porém, de seus favores, possivelmente, devido à influência reprovativa de Abān cAbd-Alḥamīd Allāḥiqī (?–815), o autor de uma tradução em versos para o árabe de *Kalila e Dimna*, que é citado no famoso *Kitāb Alaḡānī* (O livro das canções)<sup>9</sup> de Abū-Alfarāj Al’iṣfahānī (897–967) como um dos poetas favoritos de Hārūn Arrašīd (AL’IṢFAHĀNĪ, 1994, v. 23, p. 116). Fomentado pela família Barmécida, Abān era o avaliador de seus patrocínios e diminuiu Abū-Nuwās na ocasião do retorno de Alfaḍl Ibn-Yaḥyā do Ḥurāsān, em 795. Abān julgava os elogios recitados em homenagem a Alfaḍl e recompensou o poema de Abū-Nuwās com insultantes dois dinares. Além de esbofetear Abān, o poeta acusou-o de ter roubado os ganhos da própria mãe, insinuando que ela

4 Além das fábulas e anedotas, apenas Sobh (2002, p. 513) sustenta versão sobre uma boa relação entre o poeta e o califa. Segundo o historiador palestino radicado em Madri, Hārūn Arrašīd chegara a ter Abū-Nuwās na corte como poeta preferido, mas por suas tendências políticas contrárias às do califado o teria afastado e, posteriormente, mandado prendê-lo.

5 Fars, ou Pars, é uma província no Sul do atual Irã.

6 O Tabaristão, ou Mazandaran, é uma província no Norte do Irã.

7 Rey é o nome de uma cidade e de um condado na província de Teerā, no Norte do atual Irã.

8 Ḥurāsān, ou *Coração*, é o nome de uma província no Nordeste do atual Irã.

9 Coletânea de cerca de 25 volumes, contendo versos de autores que viveram desde o período pré-islâmico até o século IX.

se prostituía (KENNEDY, 2005, p. 10). Desde então, foi extenso o embate literário entre os dois poetas. É conhecida, por exemplo, uma sátira de Abū-Nuwās em que acusa Abān de sacrilégio. Nos tempos do califa Almahdī, Abān já havia sido acusado de apostasia (*zandaka*) por suas práticas da religião maniqueísta. Abū-Nuwās retomava o tema:

Ele disse: Como podeis testemunhar  
sobre aquilo que não vedes?  
Jamais darei testemunho  
do que meus olhos não viram  
Eu disse: Glória ao Senhor  
Ele disse: Glória a Mānī 10  
Eu disse: Jesus é o mensageiro  
Ele disse: do Diabo  
(ABŪ-NUWĀS, 2003a, p. 89.)

Se a relação com a família Barmécida foi inconstante, Abū-Nuwās certamente encontrou apoio entre os patronos Nawbaḥtī. Dessa família xiita duodecimana de origem iraniana, convertida do zoroastrismo, muitos filhos destacaram-se na administração do Califado Abássida. Nawbaḥtī Fārisi Majusi Munajjim (?–777), também conhecido como Nawbaḥtī Alahwazī, serviu o califa Almanšūr como conselheiro e astrólogo. Seu filho Abū-Sahl Ibn-Nawbaḥtī (?) seguiu o mesmo ofício, prestando serviços aos califas Almanšūr e Hārūn Arrašīd. Sob o governo de Hārūn, atuou na *Hizānat Alḥikma* (iniciativa que veio a formar posteriormente a Casa da Sabedoria), onde fora encarregado de traduzir livros da língua farsi ao árabe (IBN-ANNADĪM, 1872, p. 274). Os filhos de Abū-Sahl, nomeadamente ʿAbd-Allāh Ibn-Abī-Sahl Nawbaḥtī (?), Ismācīl Ibn-Abī-Sahl Nawbaḥtī (?), Abū-Alʿabbās Alfaḍl Ibn-Abī-Sahl Nawbaḥtī (?) — astrólogos do califa Almaʿmūn Arrašīd (786–833) — e Suleymān Ibn-Abī-Sahl Nawbaḥtī (?) eram amigos de Abū-Nuwās e seus principais patronos, a quem o poeta saudou com uns poucos elogios e com muitas sátiras.

Muitas das histórias sobre as atividades poéticas e os atos depravados de Abū-Nuwās são situadas nos anos de sua primeira estadia em Bagdá, entre 786 e 803, aproximadamente, destacando sua relação próxima com o califa. Nesse período, porém, o poeta foi preso ao menos em duas ocasiões por ordem de Hārūn Arrašīd, evidenciando o aspecto ficcional daquelas narrativas. Na primeira vez, foi acusado de desrespeito à religião, devido a uma elegia em que questionava a existência de vida após a morte. Na segunda vez, foi preso por ofender o califa e parte da elite abássida em

---

10 Mānī (216–276), ou Manes, foi um profeta persa fundador do Maniqueísmo.

um poema que satirizava as tribos árabes do Norte (KENNEDY, 2005, p. 23). Em uma das situações em que esteve preso, Abū-Nuwās escreveu do cárcere pedindo ajuda aos vizires da família Barmécida para conseguir liberdade, mas foi obstruído pela interferência de seu rival, o poeta Abān (SOBH, 2002, p. 513). Muitas vezes também pediu clemência ao califa. São indefinidos, porém, o momento e os movimentos que colocaram o poeta em liberdade.

Em 803, Ja'far Ibn-Yaḥyà, o principal vizir e conselheiro de Hārūn Arrašīd, foi executado a mando do califa por causa desconhecida. Seu corpo ficou exposto por um ano, sua família foi desapropriada e exilada, em evento que ficou conhecido como a queda dos Barmécida. Há muita especulação sobre o que motivou Hārūn Arrašīd, na volta de uma peregrinação a Meca, a ordenar tal sentença. Não é certo se Hārūn teria dado ouvidos a intrigas sobre uma pretensa conspiração dos Barmécida; ou se apenas notara o perigo de conviver com uma família muito rica e poderosa concorrente da sua dinastia; ou, ainda, se agira daquele modo por ciúmes do relacionamento entre Ja'far e sua irmã 'Abbāsa. Embora fossem casados, Hārūn permitia apenas que se vissem em sua presença. Posteriormente, 'Abbāsa sobreviveu a outros dois maridos e, por isso, Abū-Nuwās em uma sátira sugere ao califa que, por ocasião de uma execução, não usasse a espada, mas que casasse o condenado com 'Abbāsa (ABŪ-NUWĀS, 2003a, p. 62). Com a queda dos Barmécida, Alfaḍl Ibn-Arrabī'a (757–822/4), hájibe<sup>11</sup> do califa, tornou-se o novo vizir de Hārūn Arrašīd.

Abū-Nuwās viajou ao Egito entre 805 e 807, onde foi recebido por Alḥašīb Ibn-'Abd-Alhamīd (?), chefe do Gabinete de Impostos (*dīwān alḥarāj*) do Cairo, a quem foi recitar elogios (IBN-ḤALLIKĀN, 1972, v. 2, p. 61). Não se sabe se sua viagem está em algo relacionada à morte de Ja'far e ao possível descontentamento de Hārūn Arrašīd com os versos de lamento do poeta, ou se este apenas buscava uma renda confortável longe de Bagdá. Há uma grande quantidade de histórias sobre o poeta ambientadas no Egito, como, por exemplo, *Uma anedota sua com três (ḥabaruhu ma' talāta)*, da coletânea de histórias (*aḥbār*) de Abū-Hiffān 'Abd-Allāh Ibn-Aḥmad Almiḥzamī (?–869), de que se falará mais adiante.

O retorno do poeta a Bagdá ocorreu entre os últimos anos do califado de Hārūn Arrašīd e os primeiros de seu filho sucessor, Muḥammad Al'amīn Ibn-Hārūn Arrašīd (787–813), em torno de 809, quando esteve entre os companheiros de bebedeira de Al'amīn, jovem filho de Hārūn, renomado por sua depravação. Essa convivência foi registrada pelo poeta em uma série de elogios, em linguagem de tom pouco formal, em que exalta a luxúria

---

11 O *hājib* era um oficial da corte, nesse período com atribuições semelhantes às do vizir.

de seu conviva. Também recitou suas críticas satíricas aos conselheiros do califa que articularam a sucessão, após a morte de HHārūn, de forma que colocaram Al'amīn no trono e em conflito com seu irmão Al'amīn, em torno de 810. O período do novo califado foi de muita produtividade para Abū-Nuwās, até que suas façanhas de embriaguez e libertinagem passaram a ser usadas como argumento pelos adversários políticos de Al'amīn, que, aconselhado por seu vizir, Alfaḍl Ibn-Arrabī'a, também o mandou prender.

Muḥammad Al'amīn, já mencionado acima, estava irado com Abū-Nuwās por um caso ocorrido entre eles, ameaçou-o de morte e o mandou prender. O poeta escreveu-lhe da prisão:

Em você busquei proteção da morte  
refugiando-me do ataque de sua vingança  
Juro por sua cabeça que não volto  
a agir daquele modo, por sua cabeça  
Quem há de ser o pai dos seus cachos  
se você matar o seu Abū-Nuwās?  
(IBN-ḤALLIKAN, 1972, p. 99)

O destino do poeta tornou-se ainda mais hostil quando, em 813, Al'amīn foi deposto e assassinado por seu irmão Al'amīn, que não suportava Abū-Nuwās. Seu fim, assim como muito dos relatos sobre sua vida, é encoberto pela névoa que envolve os grandes mitos. De acordo com uma das versões, Abū-Nuwās teria sido morto por membros da família Nawbaḥtī (envenenado em uma versão, agredido até a morte em outra), devido a um poema satírico envolvendo o nome da mãe de Alfaḍl Ibn-Nawbaḥtī; outra hipótese é a de que ele teria morrido em uma taverna, após uma bebedeira; e uma ainda, menos provável, é a de que ele teria morrido na prisão. A versão mais aceita, porém, é a de que o poeta teria morrido em decorrência de uma doença hepática, sob os cuidados da família Nawbaḥtī. Seu corpo foi enterrado no cemitério Aššūnīzī, em Bagdá.

### **Abū-Nuwās, inovador da poesia árabe**

A prática de determinados poetas, a partir do século VIII, representou uma notável mudança no fazer literário em língua árabe e ficou conhecida como o movimento dos inovadores (*almuḥdatūn*). Além de Abū-Nuwās, o mais célebre dos inovadores, poetas como Baššār Ibn-Burd (714–784), Muslim Ibn-Alwalīd (747–823), Abū-Tammām (804–845), Almutanabbī (915–965) e Abū-Al'alā' Alma'arrī (973–1058) transcenderam as referências poéticas pré-islâmicas para expressar suas respectivas sensibilidades à nova cultura ascendente nas regiões de Meca, Damasco e Bagdá. O resultado foi

uma diversidade de *ethos* poéticos que trabalharam as formas consideradas tradicionais da literatura árabe e as marcaram com novas influências e pela invenção.

Nos primeiros séculos do Islã, foi formulada entre estudiosos da língua e da literatura árabes uma primeira concepção do que seria a literatura árabe clássica. Essa formalização de um padrão literário tinha por modelo principalmente a literatura em dialetos árabes do período pré-islâmico e do primeiro século do Islã e pretendia estabelecer os modelos linguísticos que legitimariam as leituras do texto religioso do Alcorão (BENCHEIKH, 1989, pp. III-IV). A forma convencionada como característica da poesia árabe clássica — referente ao período pré-islâmico e boa parte do Califado Omíada — foi a *cacida* (*qaṣīdah*), um poema longo, contendo dezenas de versos divididos em dois hemistíquios e organizados segundo um mesmo ritmo e uma mesma rima final para todas as linhas do poema. A linha, ou verso, pode ser entendida como uma unidade de sentido dentro do poema, uma estrutura molecular, na qual era raro o *enjambement*. Ibn-Sallām Aljumaḥī (756–845), um dos primeiros formuladores dessa compreensão sobre a produção literária árabe, atribui a origem dessa prática a Muḥalhil Ibn-Rabī'a (?–531), tio do famoso poeta Imru' Alqays (?–550) (ALJUMAḤĪ, 2001, p. 38).

As *cacidas* (*qaṣā'id*) eram politemáticas. Iniciadas, em geral, com versos de amor (*nasīb*) — após o poeta confrontar as ruínas do acampamento de sua amada —, seguiam pela descrição (*waṣf*) de um camelo ou da paisagem do deserto, e de cenas em que se bebia o vinho, concluindo com uma seção que expressava a proposição (*qaṣd*) específica daquele poema — reprovação, glorificação, exaltação da memória. É preciso ter em mente, porém, que a *cacida* não era apenas uma estrutura textual, mas um movimento lírico, uma prática de expressão do ego em chaves de autoelogio e invocação de impulsos carnis e psíquicos (BLACHÈRE, 1991, p. 1.028). Embora na poesia árabe anterior (da pré-islâmica à omíada) a introdução amorosa (*nasīb*) da *cacida* e a descrição (*waṣf*) nunca ocorressem de forma independente, como poemas elas mesmas, era comum uma proposição (*qaṣd*) de encerramento ser entendida como objeto de um curto poema monotemático independente chamado *qiṭā'* ou *muqatta'a* (SCHOELER, 2010, pp. 3-4). Sob a ação dos poetas inovadores, os temas que eram tradicionalmente desenvolvidos como partes da *cacida* passaram a ser reconhecidos como unidades autônomas, novos gêneros da poesia que expressavam novas situações poéticas.

Segundo o poeta e crítico literário sírio Adonis (1997, p. 210), a transformação literária nesse período teria sido moldada, ao menos, sob três dimensões: um *ethos* poético, o novo contexto social e as influências externas.

Destaca, a princípio, um aspecto linguístico-metafórico, que se refere à sobreposição de uma *retórica da realidade* pré-islâmica completamente transformada pela nova visão de mundo estabelecida pelo Islã. Essa mudança de posicionamento do poeta no mundo reflete uma alteração de contexto, marcada pela relevância da condição urbana, principalmente no que oferece de valores que simbolizam a civilização, em oposição ao deserto. O período dos califados testemunhou, nesse sentido, a transposição de uma arte pré-islâmica espontânea para uma de aprimoramento técnico mais rigoroso, dirigida a reis, líderes e notáveis em troca de pagamento. Por fim, Adonis aponta naqueles poetas a influência estrangeira como um fator que resulta na assimilação de práticas estilísticas e temáticas de outras culturas. Surgiram, então, no século IX, não apenas uma diversidade de estruturas de poemas, mas ainda novas categorias de compreensão do fazer poético que situavam os poemas em chaves temáticas específicas de entendimento. Tornou-se usual a composição de pequenos poemas de amor, de caça, poemas ascéticos, ou poemas que descrevem cenas em que se bebe vinho. O conjunto da obra poética de Abū-Nuwās, compilado por Abū-Bakr Aṣṣūlī em meados do século X, foi o primeiro em língua árabe a utilizar a divisão em capítulos temáticos. Ao incluir os capítulos com poemas sobre vinho, caça, amor, ascetismo e libertinagem à parte dos gêneros poéticos tradicionais, tais como o elogio, a elegia e a sátira, Aṣṣūlī registrou o reconhecimento dessas práticas inovadoras.

Foi, principalmente, por conta dos poemas que tratam o tema de vinho que Abū-Nuwās chegou à alta fama. Nesse gênero, é considerado o maior poeta árabe, sendo a principal referência para todos os que posteriormente trataram do tema. Sua obra consolida nos primeiros séculos do Islã o tema de vinho como um gênero poético autônomo, conhecido em árabe como *ḥamriyya*. No *dīwān* organizado por Ḥamza Al'īṣfahānī, o gênero *ḥamriyya* forma o capítulo mais extenso, composto por 19 seções, com um total de 323 poemas e fragmentos de poemas (AL'ISFAHĀNĪ, 2003a, p. 13). Sob a ordem moral monoteísta e abstinência em construção, realizou-se subversiva explorando temas como a adoração da figura feminina e homossexualidade, consolidando padrões discursivos que serão reconhecidos como inovadores, a partir do século IX. Sobressai nas descrições do poeta o caráter enunciativo oral, que parodiava uma longa tradição literária em situações de seu cotidiano, consolidando um *ethos* inventivo, que o qualifica com tanta força, na atualidade, quanto sua perversidade. É possível identificar um exemplo desse desempenho retórico em um dos seus poemas mais famosos, no qual a imagem sublime de um vinho luminoso põe abaixo a condenação ao seu consumo.

Não me critique, que isso é uma tentação  
e me cure com aquilo que é a própria doença.  
Ao vinho claro, não desce à sua praça a tristeza,  
se uma pedra o tocou, a alegria toca a pedra.  
Vem das mãos de uma moça vestida de rapaz  
que agrada o fornicador e o sodomita,  
com a ânfora ela surge quando a noite enturva  
e emite de seu rosto à casa um brilho.  
Derrama cristalina da boca de uma ânfora  
causando para o olho um certo alívio.  
Refina a bebida e harmoniza com a água  
entre o gosto do seco e o mais suave.  
Se uma luz atravessa a compostura,  
certamente, lançará brilhos e raios.  
Ela passa entre os jovens que são donos do seu tempo  
e que só fazem aquilo que almejam.  
Por ela eu canto, mas não por aquela casa  
em que Hind e Asma' se aquietam.  
Livre Durra de ter construída uma tenda  
ou do caminho de camelos e ovelhas.  
Diga, então, ao que invoca a filosofia:  
você acha saber algo, mas lhe falta uma sentença.  
Não questione minha salvação, se você é um abstinente,  
porque essa sua dúvida é blasfêmia.  
(ABŪ-NUWĀS, 2003b, p. 15)

Em outro poema, Abū-Nuwās exalta os efeitos do vinho em quem bebe, propondo um jogo de imagens que parece insinuar uma relação sexual entre a copeira e os convivas, e o poeta, favorecido frente a seus companheiros, extasia-se duas vezes.

Não chore por Laila, nem cante para Hind,  
mas beba por Rosa o vermelho como a rosa,  
uma taça derramada na garganta de quem bebe  
deixa seu vermelho no olho e na bochecha.  
O vinho é um rubi, e a taça é uma pérola,  
servido entre as palmas afiladas da copeira.  
Ela serve uma dose com a mão e outra com a boca  
e por certo, com isso, duas vezes extasia.  
Dois prazeres para mim, um para os companheiros.  
Uma graça que só a mim é concedida.

(Ibidem, pp. 112-4.)

Tão representativas quanto as imagens erotizadas, na poesia de vinho de Abū-Nuwās, são as cenas de natureza mística, em que o êxtase alcoólico atinge proporções transcendentais. No poema a seguir, o vinho é comparado ao sangue, e ao bebê-lo uma alma é transferida do corpo da garrafa ao corpo de quem bebe. Morre a garrafa, revigora-se o embriagado.

Entorno a alma da jarra gentilmente  
me servindo do seu sangue sem feri-la  
assim dobro em meu corpo duas almas  
e a jarra é abandonada ao chão sem vida.  
(ABŪ-NUWĀS, 2003b, p. 100.)

O capítulo do *Dīwān Abī-Nuwās* (idem, 2003d) dedicado aos poemas libertinos, em suas 15 seções e um total de 316 poemas (AL'ISFAHĀNĪ, 2003b, p. 1), é composto substancialmente de versos dissolutos, de vinho, eróticos e satíricos. O *dīwān* organizado por Ḥamza Al'isfahānī agrupa ainda, entre os libertinos, os poemas que não puderam ser acomodados em outros capítulos, como os testemunhos de desrespeito à religião, enigmas, ou descrições poéticas de partidas de xadrez. Um tema de muito destaque nesse gênero é o desrespeito aos protocolos do Ramadã<sup>12</sup>. Nesse âmbito, o poeta poderia roubar um café da manhã, quebrar o jejum mais cedo, zombar dos chamados à oração ou farrear com os amigos em festas orgiásticas.

Nem passou metade do Ramadan,  
a farra e a música nos procuraram.  
Esticado o pandeiro, a flauta preparada  
e a perversão em perdição já se tornava.  
Para o encontro desse dia sem retorno,  
mesmo que se reunissem comportados,  
logo estariam descobertos, abraçados, enroscados,  
uns sendo o chão, outros o telhado,  
uns o cobertor, outros acolchoados.  
(ABŪ-NUWĀS, 2003d, p. 217.)

### O poeta nas *Mil e uma noites*

Além das coletâneas de poemas, as coletâneas de anedotas (*aḥbār*) sobre Abū-Nuwās são fontes importantes dos poemas atribuídos ao poeta e, principalmente, as menções mais antigas sobre o personagem em suas

---

12 Nono mês do calendário islâmico, em que os muçulmanos devem praticar o jejum (*ṣaum*), além de intensificarem as restrições morais.

aventuras supostamente biográficas. Com base na raiz da palavra *ḥabar* (relato, notícia), o termo *aḥbār* (relatos, notícias) parece corresponder ao sentido que obtemos atualmente em português no termo *histórias*, conforme o significado de sua antiga grafia *estórias*. Destaca-se sobre esse gênero de narrativas não o rigor cronológico ou documental, mas a seleção de relatos pessoais, assegurados por uma cadeia de narradores (*isnād*)<sup>13</sup> que, pela variedade das vozes autorizadas, dá ciência de uma informação (ROSENTHAL, 1968, p. 66). Um dos mais referenciados desses trabalhos é a obra *Aḥbār Abī-Nuwās* (Histórias de Abū-Nuwās), compilada por seu discípulo Abū-Hiffān °Abd-Allāh Ibn-Aḥmad Almiḥzamī (?–869). Proveniente de uma família de Basra, Abū-Hiffān foi um poeta e narrador de poemas, colecionador de histórias (*aḥbār*) e importante transmissor da literatura árabe. Ibn-Annadīm, no livro *Alfiḥrist*<sup>14</sup>, do século X, destacou a forte relação da obra de Abū-Hiffān com a poesia dos inovadores (IBN-ANNADĪM, 1872, p. 144). A coletânea de narrativas de Abū-Hiffān sobre Abū-Nuwās, além de promover a personagem literária de Abū-Nuwās em situações cômicas, eróticas, profanas, libertinas que ampliam a celebridade do poeta, tornou-se um componente essencial das compilações póstumas de seus poemas.

As histórias atribuídas a Abū-Nuwās, então, desde seu tempo reforçam a construção de uma personagem do poeta, relacionada a atos libertinos, ao consumo de vinho, à exaltação do amor e ao erotismo. Na já citada “Uma anedota sua com três” (*Habaruhu mac talāta*), por exemplo, identificada como a 25ª da coletânea de Abū-Hiffān (ABŪ-HIFFĀN, 1954, pp. 60-6), o poeta arma um embuste para possuir três adolescentes (*ḡulām, pl. ḡilmān*). Finge ser um carregador para abordar os jovens, acompanha-os à casa e, após embebedá-los com vinho, tem relações sexuais com eles. Ao amanhecer revela-se e se despede cantando alegremente sua aventura em versos.

Ele se sentou com eles. Depois que se alimentaram, ele derramou água sobre suas mãos, mas deu-lhes de beber o vinho antes disso, com a comida, três rodadas, e os representou pelo verso que segue:

Três copos com marcas de gordura

deixam a cara parecida com a lua.

Foi buscar o garrafão de bebida lacrado com barro, perfurou-o e derramou dele para servir os presentes. Continuou, pois, a beber e a servi-los e, enquanto isso, entretinha-os e os divertia. Então, olharam para sua cabeça raspada e puseram-se a bater nela, e ele suportou aquilo, uma vez que alimentava artimanha e trapaça contra eles. Sua intenção era embebedá-los

13 Encadeamento de testemunhos em regressão temporal linear — “disse fulano, que disse beltrano, que disse sicrano, que alano...”.

14 Catálogo sobre todas as obras conhecidas em língua árabe, até então, escrito no século X.

e sedá-los, assim, ficou com eles até que a noite os encobriu. Para estimulá-los à bebedeira, chacoalhava, distraia e servia vinho para que eles excedessem o limite. Logo despencaram adormecidos sem consciência, bêbados, e ele preparou-se para o encontro. Quando percebeu que havia condições para a oportunidade, aproximou-se e satisfez seu desejo de estar com eles... disse “Por Deus que me vingarei de seus testículos, pelo que fizeram à minha nuca”... e quando cansou e não pôde mais... e não restaram nele forças, embebedou-se e dormiu como eles, de bruços... Assim o fez. Quando o primeiro deles acordou e viu sua situação, desaprovou-a e, suspeitando de Abū-Nuwās, disse “Isso é coisa do carregador, ele o fez” e acordou o segundo e o terceiro. Suas condições eram as mesmas e, contrariados daquilo, disseram: “Quem nos violou está neste local, e certamente foi o carregador” — que se fingia de adormecido e bêbado, enquanto escutava suas palavras — e olharam para ele. (ABŪ-NUWĀS, 1954, p. 60)

Inspiradas pelos registros anteriores de suas histórias (*aḥbār*) e coletâneas de poemas (*dīwān*), as participações de Abū-Nuwās nas histórias das *Mil e uma noites* parecem distanciar-se um nível a mais dos eventos enunciativos do poeta vivo em direção a uma composição mais coletiva e fantasiosa, passando a habitar o campo das fábulas (*hurāfa*). Nessas histórias, o poeta é intimamente conectado ao califa Hārūn Arrašīd, personificação da glória do califado. Protagonizando como um de seus companheiros, às vezes um bufão, tornou-se uma figura estimada de histórias populares.

Segundo a *Enciclopédia das Mil e Uma Noites*, há entre as várias edições e manuscritos desta coleção sete histórias em que Abū-Nuwās está presente, em quatro das quais participa com protagonismo, nomeadamente: 1) “Hārūn Arrašīd, a donzela e Abū-Nuwās”; 2) “Hārūn Arrašīd e a rainha Zubayda na banheira”; 3) “Abū-Nuwās, os três garotos e o califa Hārūn Arrašīd”; e 4) “Hārūn Arrašīd e os três poetas” (MARZOLPH; VAN LEEUWEN, 2004, p. 854). Pertencem todas, segundo convenção filológica, ao *ramo egípcio* das histórias das mil e uma noites, ou seja, o conjunto mais recente de histórias incorporadas entre os séculos XVI e XVIII ao conjunto mais antigo, conhecido como *ramo sírio*, com registros materiais a partir do século XIV (JAROUCHE, 2004; 2005). Não são conhecidas, portanto, histórias de Abū-Nuwās em nenhum manuscrito do ramo sírio.

A primeira tradução moderna das *Noites*, publicada em Paris entre 1704 e 1717, em 12 volumes, por Antoine Galland (1646-1715), baseou-se em um manuscrito principal do ramo sírio, do século XV, com 281 noites (AKEL, 2016, p. 70), complementada por trechos de manuscritos do ramo egípcio e de outros manuscritos avulsos, além de alguns contos ouvidos da boca de um cristão maronita de Alepo, chamado Hanna (ZOTENBERG, 2006, p. 216). Entre as histórias escolhidas pelo francês, nenhuma é sobre

Abū-Nuwās. Com a fama das narrativas árabes na Europa, um comércio revigorado de manuscritos trouxe a público novas histórias incorporadas a edições que intencionavam concluir 1001 noites, sobre a base de narrativas do ramo sírio. As histórias de Abū-Nuwās, então, foram provavelmente incluídas no fim do século XVIII, por força da demanda de editores europeus que, desde a publicação de Galland, estavam interessados nos manuscritos árabes de histórias exóticas e excitantes.

Em língua árabe, a compilação publicada na cidade alemã de Breslau entre 1825 e 1843, em 12 volumes, é a mais antiga entre as edições modernas que relatam as histórias de Abū-Nuwās. Há questionamentos, no entanto, sobre uma possível fraude de manuscritos nessa edição, ao que se credita um “manuscrito tunisiano” que jamais existiu, e o “manuscrito de Bagdá”, considerado falso (JAROUCHE, 2005, p. 30). Mais seguras quanto aos manuscritos são a edição de Bulaq, impressa no Cairo em 1835, em dois volumes, e a segunda edição de Calcutá, editada por William H. Macnaghten, entre 1839 e 1842, em quatro volumes. Tiveram por referência manuscritos resultantes de várias iniciativas de pesquisa e compilação, entre as quais a mais bem-sucedida foi a realizada no Cairo, na segunda metade do século XVIII, conhecida como *Zotenberg Egyptian Recension* (ZER) (ZOTENBERG, 2006, p. 195). Estas edições, a de Bulaq e a segunda de Calcutá, muito semelhantes, popularizaram certa compilação do *ramo egípcio tardio* e foram os principais modelos das histórias do poeta Abū-Nuwās traduzidas a outras línguas, como a tradução inglesa de Richard Burton, *The Book of The Thousand Nights and One Night*, em nove volumes, de 1885, uma das versões mais populares da série em todo o mundo.

No Brasil, a primeira publicação das histórias do poeta Abū-Nuwās deu em 1961, na série em oito volumes *As mil e uma noites*, da Editora Saraiva. Baseada na edição francesa publicada entre 1898 e 1904, de Joseph-Charles Mardrus (GIORDANO, 2009, p. 54), a tradução realizada por Nair Lacerda (prosa) e Domingos Carvalho da Silva (poesia), com supervisão e cotejo dos textos árabes por Suleiman Khalil Safady, apresenta três histórias do poeta: “Hārūn Arrašīd e a rainha Zubayda na banheira”, “Hārūn Arrašīd e os três poetas” e uma terceira que é a sobreposição de “Hārūn Arrašīd, a donzela e Abū-Nuwās” e “Abū-Nuwās, os três garotos e o califa Hārūn Arrašīd”, intitulada “As aventuras do poeta Abu-Nauás”<sup>15</sup>. Entre 2005 e 2012, foi publicado, em quatro volumes, o *Livro das mil e uma noites*, a primeira edição brasileira diretamente do árabe, traduzida pelo prof. Mamede Mustafa Jarouche. Nessa obra, foram utilizados

---

15 Essa fusão de histórias é característica do texto francês de Mardrus, não ocorrendo em outras edições.

manuscritos do *ramo sírio* nos dois primeiros volumes e, para os seguintes, manuscritos do *ramo egípcio antigo*, anteriores à segunda metade do século XVIII (JAROUCHE, 2007, p. 363), o que diferencia essa edição das de Bulaq e Calcutá 2ª ed., por exemplo, baseadas no *ramo egípcio tardio*. Por esse motivo, a edição não apresenta histórias de Abū-Nuwās. Além destas, todas as demais edições em português das *histórias*<sup>16</sup> são do texto completo ou parcial de Galland (GIORDANO, 2009, p. 55), portanto, não retratam o poeta.

A maioria das histórias de Abū-Nuwās entre as das *Mil e uma noites* apresenta o califa Hārūn Arrašīd como protagonista principal. Assim acontece nos contos “Hārūn Arrašīd, a donzela e Abū-Nuwās”, “Hārūn Arrašīd e a rainha Zubayda na banheira” e “Hārūn Arrašīd e os três poetas”, o que indica que essas histórias são, possivelmente, adaptações de narrativas antigas de Bagdá dos séculos X–XI. Todas essas três histórias têm como tema comum as tentativas de Hārūn Arrašīd em expressar poeticamente suas afinidades amorosas e, assim, manda chamar Abū-Nuwās. São igualmente concluídas com formulações do poeta que surpreendem pela clarividência. A história “Hārūn Arrašīd e os três poetas”, nesse sentido, alude a um trecho da “Sura dos poetas”, do Alcorão, em que se diz “E aos poetas, seguem os desviados. Não viste que eles vagueiam por todos os vales, e que dizem o que não fazem?” (ALCORÃO, 2003, p. 609). A anedota “Hārūn Arrašīd e a rainha Zubayda na banheira”, além disso, é identificada como reformulação de uma antiga história semelhante em que os protagonistas eram o califa Almahdī (744–785) e o poeta Baššār Ibn-Burd (714–784) (MARZOLPH; VAN LEEUWEN, 2004, pp. 203-4).

A história “Abū-Nuwās, os três garotos e o califa Hārūn Arrašīd”, por sua vez, parece ser a mais representativa dos relatos das *Noites* dedicados ao poeta. Nessa narrativa, Abū-Nuwās prepara muita comida e bebida para uma noite festiva e sai em busca de uma companhia adequada. Encontra três belos jovens imberbes que concordam em passar a noite com ele.

Cada um dos rapazes havia bebido dois copos, quando a rodada chegou a Abū-Nuwās que agarrou o copo e recitou estes versos:

16 No Brasil: *As mil e uma noites*, 5 vols. Clube do Livro, 1949–1951; *As mil e uma noites*, 3 vols. Edições Cultura, 1944; *Contos selectos das mil e uma noites*. Prefácio de Machado de Assis. H. Laemmert & C. Editores-Proprietários, sem data (provavelmente 1882); *As mil e uma noites*. 8 vols. São Paulo: Brasiliense, 1990–1991 (com base na versão francesa de René Khawam, de 1986); *As mil e uma noites*. Trad. Alberto Diniz. Apresentação de Malba Tahan. 2 vols. Rio de Janeiro: Ediouro, 2001.

Beba vinho apenas das mãos de uma gazela  
que pareça em sentido, como o vinho, refinada  
pois quem bebe com o vinho apenas não se alegra  
a menos que o copeiro tenha a face delicada.

Depois, bebeu seu copo e passou. Quando a rodada chegou a Abū-Nuwās pela segunda vez, ele ficou repleto de satisfação e recitou:

Passe novamente o copo aos convivas  
o vinho deve ser seguido de outros copos  
das mãos de uma beleza morena singular, sua saliva  
com a noite é maçã e é almíscar  
Beba vinho apenas das mãos de uma gazela  
melhor do que o vinho é o beijo em sua bochecha.

Então, Abū-Nuwās, tomado pela bebedeira que não distinguia a mão da cabeça, lançou-se aos rapazes com beijos, abraços e brincadeiras de perna sobre perna. Sem fazer caso do pecado ou da vergonha recitou essas frases:

Só tem prazer completo o homem  
quando bebe com efébos em companhia  
Um entoa a canção, e o outro  
com o vinho em seu copo brinda.  
Quando necessitas de um beijo  
um deles lhe dá o lábio à boca.  
Beber com eles fez meu dia,  
admirado eu fiquei com sua meiguice  
Bebemos puro e misturado  
e combinamos de foder aquele que dormisse.

Estavam assim, quando houve uma batida na porta e disseram à pessoa que entrasse. Quando entrou, revelou-se o príncipe dos crentes, o califa Hārūn Arrašīd. Os presentes chegaram a ele e beijaram o chão ante seus dedos. Abū-Nuwās recuperou-se imediatamente da bebedeira. O príncipe dos crentes disse a ele “Abū-Nuwās!”. Ele disse “A teu dispor, príncipe dos crentes, que Deus te guarde”. Perguntou o califa “Que situação é essa?”. “Oh, príncipe dos crentes, sem dúvida a situação responde por si mesma à questão”. Então o califa disse a ele “Abū-Nuwās, consultei Deus, o altíssimo, e decidi nomear-te o Juiz dos fornicadores”. “Desejas atribuir-me esse alto cargo, príncipe dos crentes?”, perguntou Abū-Nuwās. “Sim”, disse o califa, e o poeta questionou “Príncipe dos crentes, tens, então, um caso a me apresentar?”. (ANÔNIMO, 1999, pp. 630-1.)

O califa deixa a casa com raiva. Quando, na manhã seguinte, Abū-Nuwās vai ao palácio, é punido. O califa ordena que seu carrasco tire as roupas do poeta, amarre uma sela de burro em suas costas e circule com ele pelo palácio para que seja humilhado. Depois, sua cabeça deveria ser cortada. A conclusão dessa história exalta os aspectos depravados, sedutores e eloquentes de Abū-Nuwās que, condenado por Arrašīd, escapa da morte por meio de palavras astutas. Este conto está registrado numa série de manuscritos do século XIX que fazem parte da família ZER e compõem as edições de Bulaq, Calcutá 2ª ed. e derivadas, sendo a mais representativa das passagens de Abū-Nuwās pelas *Mil e uma noites*.

### Considerações finais

Com base nos mais antigos registros poéticos e anedóticos sobre o poeta, as histórias em que Abū-Nuwās figura entre as das *Mil e uma noites* expressam uma determinada percepção social de sua personalidade. A construção coletiva nesse patamar torna-se mais evidente, de tal modo que se chega a sobrepor seu nome, junto com o do califa Hārūn Arrašīd, ao de outros personagens em posições semelhantes (poeta-califa).

A ampla difusão do personagem de Abū-Nuwās, e do contexto a ele atribuído nas histórias das *Mil e uma noites*, pode ainda ser ilustrada em outros exemplos contemporâneos. Assim, o poeta ressurgiu em uma personagem do filme *Il fiore delle mille e una notte* (*As mil e uma noites*, no Brasil), dirigido por Pier Paolo Pasolini em 1974. Nesse roteiro de livre adaptação do realizador, duas histórias de Abū-Nuwās são reconhecíveis sob a alcunha do poeta Sium: “Hārūn Arrašīd e a rainha Zubayda na banheira” e, parcialmente, “Abū-Nuwās, os três garotos e o califa Hārūn Arrašīd”. Outros significados, ademais, são relacionados ao nome de Abū-Nuwās, influenciados por condições culturais e históricas específicas de algumas sociedades. O gentílico *nawwāsī*, por exemplo, é utilizado, atualmente, em alguns países de língua árabe para se referir à homossexualidade. No filme egípcio *Toda a minha vida* (*Ṭūl cumrī*), realizado por Maher Sabry em 2008, em que se denuncia a ação violenta do Estado egípcio ao perseguir homossexuais na cidade do Cairo, está registrado o uso da expressão “comportar-se como Abū-Nuwās” para referir-se à prática homoafetiva. Os sentidos atribuídos a seu nome, porém, podem variar em outras culturas em que se estabelecem distintas relações semânticas. Por influência das histórias das *Mil e uma noites* no folclore de língua Suaíli, por exemplo, no Zanzibar o poeta foi transfigurado em *Kibunwasi*, *Bunwasi* ou *Abunwasi* (ROLLINS, 1983, p. 61). Por esse nome qualifica-se uma pessoa que sempre tem uma resposta pronta. Na Malásia, ainda, um grupo chamado *Projek Iqra'* publica uma revista em quadrinhos sobre um

sábio Abū-Nuwās que é exemplar muçulmano, erudito e sagaz, sem qualquer menção a sexualidade<sup>17</sup>.

Sob as referências literárias a sua personalidade, Abū-Nuwās passou a ser popularmente representado como um anti-herói. Na leitura de Andras Hamori, na obra *On the art of medieval Arabic Literature*, sua atuação, o que se registrou dela, reflete em alguma medida a manutenção do caráter irresponsável do herói da tradição literária pré-islâmica, mas em nova função de desordeiro institucionalizado — um papel transformado por influência da expansão do Islã e da constituição dos califados em um ambiente urbano de corte. O poeta, nessa chave, em sua interação desregrada à maneira de um *ritual clown* (HAMORI, 1974, p. 53), traria ao grupo certo alívio, porque era permitido em seu nome o comportamento que não era permitido a ninguém. Formou-se, assim, em um contexto organizado pela ordem religiosa, um novo *ethos* literário: desordeiro, beberrão e depravado. Numerosas e substanciais narrativas como as citadas nesta apresentação renovam relações de sentido no conjunto de enunciados atribuídos a Abū-Nuwās, reforçando uma personagem antiga na contemporaneidade e um mundo que, também pelas histórias das *Mil e uma noites*, revive nas fábulas e nos sonhos.

## REFERÊNCIAS

- ABBAS, I. “Barmakids”. In: YARSHATER, E. (ed.). *Encyclopaedia Iranica*. Vol. III, Fasc. 8. Nova York: Encyclopaedia Iranica Foundation, 1991, pp. 806-9. Disponível em: <<http://www.iranicaonline.org/articles/barmakids>>.
- ABŪ-HIFFĀN. *Aḥbār Abī-Nuwās*. °Abd-Assattār Aḥmad Farrāj (ed.). Cairo: Maktaba Misr, 1954.
- ABŪ-NUWĀS. *Dīwān Abī-Nuwās*. Ewald Wagner (ed.). v. 1. Beirute: Almada. 2002.
- \_\_\_\_\_. *Dīwān Abī-Nuwās*. Ewald Wagner (ed.). v. 2. Beirute: Almada. 2003a.
- \_\_\_\_\_. *Dīwān Abī-Nuwās*. Ewald Wagner (ed.). v. 3. Beirute: Almada. 2003b.
- \_\_\_\_\_. *Dīwān Abī-Nuwās*. Gregor Schoeler (ed.). v. 4. Beirute: Almada. 2003c.
- \_\_\_\_\_. *Dīwān Abī-Nuwās*. Ewald Wagner (ed.). v. 5. Beirute: Almada. 2003d.
- ADONIS. *Poesía y poética árabes*. Apresentação e tradução do árabe, Carmen Ruiz Bravo Villasante. Madri: Ediciones del Oriente y Mediterráneo, 1997.
- AKEL, Ibrahim. “Liste de manuscrits arabes des Nuits”. In: CHRAÏBI, A. (org.). *Arabic manuscripts of the Thousand and One Nights*. Paris: Espaces e Signes, 2016, pp. 65-114.

<sup>17</sup> Site da instituição que mantém o projeto: <<https://projekiqra.com/>>. Loja online para compra das revistinhas *komik Abū Nuwās*: <<https://www.sunnahosstore-id.com/collections/abu-nuwas-komik>>.

- ALCORÃO. Trad. Helmi Nasr. Medina: Fundação Rei Fahd Abdul Aziz, 2003.
- AL'İŞFAHĀNĪ, Abū-Alfarāj. *Kitāb Al'agānī*. 25 v. Beirute: Dar Assadr, 1994.
- AL'İŞFAHĀNĪ, Hamza. "Albāb attāsic fī alḥamriyyāt". In ABŪ-NUWĀS. *Dīwān Abī-Nuwās*, v. 4. Beirute: Almada. 2003a. p. 13.
- \_\_\_\_\_. "Albāb tānī cāšir fī almuĵūniyyāt". In ABŪ-NUWĀS. *Dīwān Abī-Nuwās*, v. 5. Beirute: Almada, 2003b, pp. 1-2.
- ALJUMAĤĪ. *Ṭabaqāt fuḥūl aššucarā*. Ṭaha Ahmad Ibrahim (ed.). Beirute: Dar alkitub al'ilmīyya, 2001.
- ANÔNIMO. *Alf laylah wa-laylah*. Beirute: Dar Aššādr, 1999.
- BENCHEIKH, Jamel E. *Poétique arabe précédé de Essai sur un discours critique*. Paris: Gallimard, 1989.
- BLACHÈRE, Régis. "Ghazal". In: *Encyclopaedia of Islam*, v. 2. Leiden: Brill, 1991, pp. 1.028-1.033.
- GAIMAN, Neil. *Fábulas e Reflexões*. São Paulo: Panini. 2020.
- GIORDANO, Cláudio. *História d'As mil e uma noites*. Campinas: Editora Unicamp /Oficina do Livro Rubens Borba de Moraes, 2009.
- HAMORI, Andras. *On the Art of medieval Arabic Literature*. Princeton: Princeton University Press, 1974.
- IBN-ALMU'TAZZ. *Ṭabaqāt Aššū'ara'*. °Abd-Assattār Aḥmad Farrāj (Ed.). Cairo: Dar Alma'arifah fi Mišr, 1956.
- IBN-ANNADĪM. *Kitāb alfihris*. Gustav Flügel (ed.). Leipzig: Oxford University, 1872.
- IBN-ḤALLIKĀN. *Wafayāt ala'yān wa-'anbā' abnā' azzamān*. Dar Aššādr
- JAROUCHE, Mamede M. "O Prólogo-Moldura das *Mil e uma noites* no ramo Egípcio Antigo". *Tiraz*, São Paulo, n. 1, pp. 70-117, 2004.
- \_\_\_\_\_. "Uma poética em ruínas". In: ANÔNIMO. *Livro das mil e uma noites*, v. 1. São Paulo: Globo. 2005, pp. 11-35.
- KENNEDY, Philip. *Abū Nuwās: A Genius of Poetry*. Oxford: Oneworld Publicacions, 2005.
- MARZOLPH, Ulrich; VAN LEEUWEN, Richard. *The Arabian Nights Encyclopedia*. Sta. Barbara / Denver / Oxford: ABC Clio, 2004.
- ROLLINS, Jack D. *A History of Swahili Prose, part 1: From Earliest Times to the End of the Nineteenth Century*. Leiden: Brill, 1983.
- ROSENTHAL, Franz. *A History of Muslim Historiography*. Leiden: Brill, 1968.
- SCHOELER, Gregor. "Abū Nuwās". In: SCOTT MEISAMI, J.; STARKEY, P. (org.): *Encyclopaedia of Arabic Literature*. Londres: Routledge, 1998, pp. 41-3.
- \_\_\_\_\_. "The genres of classical Arabic poetry: classifications of poetic themes and poems by pre-modern critics and redactors of *dīwāns*". *Quaderni di Studi Arabi*, Roma, v. 5-6, pp. 1-48, 2010.
- SOBH, Mahmud. *Historia de la literatura árabe clásica*. Madri: Cátedra, 2002.
- SOURDEL, Dominique. "al-Baramika". In: *Encyclopaedia of Islam*, v. 1. Leiden: Brill, 1986, pp. 1.033-6.

WAGNER, Ewald. “Abū Nuwās”. In: *Encyclopaedia of Islam*, v. 1. Leiden: Brill, 1986, pp. 143-4.

ZOTENBERG, M. Herman. “Nota sobre alguns manuscritos das Mil e uma Noites e a tradução de Galland”. Trad. Gaby Friess Kirch. *Tiraz*, São Paulo, n. 3, pp. 195-233, 2006.